

NOV 12, 13 e 14

BEETHOVEN 250



TEMPORADA OSESP 2020
CONCERTOS SINFÔNICOS

12.11 quinta 19H e 21H15 JACARANDÁ
13.11 sexta 19H e 21H15 PEGUIÁ
14.11 sábado 15H15 e 17H30 IPÊ

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO - OSESP

THIERRY FISCHER REGENTE
JEAN-GUIHEN QUEYRAS VIOLONCELO

PYOTR IL'YICH TCHAIKOVSKY [1840-1893]
Variações Sobre um Tema Roccó, Op. 33
[EDIÇÃO DE FITZENHAGEN] [1876]

TEMA: MODERATO ASSAI QUASI ANDANTE.
MODERATO TEMPLICE
VARIACÃO 1: TEMPO DELLA THEMA
VARIACÃO 2: TEMPO DELLA THEMA. CADENZA
VARIACÃO 3: ANDANTE SOSTENUTO
VARIACÃO 4: ANDANTE GRAZIOSO
VARIACÃO 5: ALLEGRO MODERATO
VARIACÃO 6: ANDANTE
VARIACÃO 7 E CODA: ALLEGRO VIVO

18 MIN

HENRI DUTILLEUX [1916-2013]
Três Estrofes Sobre o Nome de Sacher [1976]

UN POCO INDECISSO
ANDANTE SOSTENUTO
VIVACE

9 MIN

LUDWIG VAN BEETHOVEN [1770-1827]
Sinfonia nº 7 em Lá Maior, Op. 92 [1811-12]

POCO SOSTENUTO. VIVACE
ALLEGRETTO
PRESTO
ALLEGRO CON BRIO

36 MIN

Além da importante presença do violoncelo, as três obras do programa de hoje têm em comum a ligação com a música do passado, que aparece de maneiras diversas, desde a influência assumida da peça de Tchaikovsky até as características mais descaradamente inseridas na peça de Dutilleux. Exibem ainda, as três, uma particularidade formal curiosa: em todas domina um tema com variações.

Assim como o termo *Barroco* vem de um tipo de pérola irregular, o Roccó também traz em sua etimologia um elemento marinho, a *rocaille*, ornamentação inspirada nas linhas das conchas com as quais eram decoradas as grutas artificiais dos jardins nobres do final do século XVIII. O movimento Roccó foi uma reação ao exagero do Barroco, à sua solenidade e luxo. Visava o refinamento acima de tudo, valorizava a graça, o espírito e a sofisticação. A música deste período, também chamada de galante, foi a origem direta do estilo clássico.

TCHAIKOVSKY

Variações Sobre um Tema Roccó

Quando seu colega de conservatório, o violoncelista e professor Wilhelm Fitzenhagen, lhe encomendou uma peça para violoncelo e orquestra, Tchaikovsky tinha acabado de compor *Franческа da Rimini*. Vindo de obra tão intensa e dramática, e enfrentando um período particularmente complicado de sua vida, Tchaikovsky parece ter se deleitado com o desafio de produzir algo na linguagem elegante que associava a Mozart, compositor por quem professava irrestrita admiração: as *Variações Sobre um Tema Roccó*.

Esse tema, precedido por breve introdução orquestral, é na verdade uma invenção própria, não uma melodia original do século anterior. Nele, o compositor busca os traços mais característicos do galante, com uma melodia clara, equilibrada, graciosa e mozartiana. A obra nos remete a um mundo que Tchaikovsky acreditava mais ordenado, mais despreocupado e mais feliz. Mas a leveza do tema e a formação orquestral reduzida são na verdade os únicos traços rrocódos e enfatizam o contraste com o tratamento românticamente virtuosístico de seu desenvolvimento. As sete variações são ligadas por interlúdios e cadências, e alternam bravado e lirismo, explorando com maestria a extensão completa do violoncelo, seus recursos expressivos e suas possibilidades de demonstrar agilidade e virtuosismo.

A obra foi significativamente alterada por Fitzenhagen, que cortou trechos inteiros, mudou a ordem das variações e até mesmo trocou partes de uma por partes de outra, acrescentando repetições, indicações de dinâmica e fraseado. Foi nesta versão que a obra foi publicada e se tornou conhecida e amada pelo público.

DUTILLEUX

Três Estrofes Sobre o Nome de Sacher

Compositor essencial para a música do século XX, em que pese a obra publicada, relativamente escassa, Dutilleux era crítico severo da própria habilidade, desprezando grande parte de suas obras de juventude. Sua escritura, sofisticada e sutil, ritmicamente rica, sensual e cheia de nuances, mescla as influências mais diversas, sem, no entanto, se encaixar em qualquer escola. Dutilleux intentava escapar da tonalidade, sem se deixar amarrar à rigidez da atonalidade estrita, ao mesmo tempo desvelando qualidades clássicas, como a simetria que o fascinava e um senso de estrutura muito perceptível, prestando reverência a outros gêneros artísticos, como a pintura e a literatura.

Nascido em uma família de artistas, casado com uma pianista, Dutilleux cresceu e viveu circundado por cultura. Desenvolveu carreira bem sucedida, mantendo-se em atividade até o fim da vida. Recebeu inúmeros prêmios, o mais importante dos quais o *Grand Prix de Rome*, tradicionalmente outorgado aos mais festejados compositores da França. Diretor da *Radio France* por 18 anos e professor da Escola Normal de Música e do Conservatório Nacional Superior de Música e Dança de Paris, teve obras estreadas pelos maiores intérpretes do século XX.

Um desses intérpretes, o violoncelista russo Mstislav Rostropovich, que havia encomendado e estreado seu concerto para violoncelo, foi quem teve a ideia de prestar uma homenagem ao maestro, educador e mecenas suíço Paul Sacher, amigo da maior parte dos grandes nomes da cena musical, entre os quais Dutilleux (para quem chegou a financiar uma cirurgia de córnea). Sacher apoiava ativamente os compositores que considerava merecedores, comissionando obras e promovendo a sua execução. Seus protegidos incluíam Bartók, Berio, Britten, Boulez, Holliger, Lutoslawski, Strauss, Stravinsky e Werner Henze. Por esta lista incompleta já se pode ver que seu julgamento era sólido e que estava atento a todas as tendências artísticas do período.

Quando Sacher completou 70 anos, Rostropovich pediu a 12 compositores famosos que escrevessem uma variação sobre um tema derivado das letras do nome Sacher. No final, todas as composições ultrapassaram o escopo da proposta, e este conjunto de peças tornou-se uma espécie de amostragem dos estilos e técnicas contemporâneas para violoncelo solo. Dessas, talvez a mais executada seja a de Dutilleux, única a usar *scordatura* (uma desafinação proposital das cordas). A obra é dividida em três variações sobre o tema dado, cada qual com um caráter bastante específico. A primeira foi escrita para a celebração, as outras duas acrescentadas posteriormente. A estrofe *Un poco indeciso* é misteriosa, instável, e parece procurar sua própria linguagem, até se tornar mais viva e esperançosa. Termina com uma citação do *Concerto para Cordas, Percussão e Celesta*, de Bartók, uma das muitas peças que devia sua existência ao patrocínio de Sacher. O *Andante sostenuto*, que se desenvolve sobre um baixo sustentado, é lento e evocativo, salpicado de momentos de destreza e frescor. O *Vivace* é vigoroso, viril e assertivo. A obra explora a extensão do instrumento, os efeitos produzidos pela alternância de cordas soltas e presas, *pizzicati* e *legati*, e acabou por se tornar uma das peças mais emblemáticas do século XX, e uma das favoritas dos violoncelistas.

BEETHOVEN

Sinfonia nº 7 em Lá Maior

Com uma formação orquestral reduzida tipicamente clássica, e às vezes evocando as suítes de danças do Barroco, mas escrita em um estilo já completamente permeado pelo Romantismo, a *Sinfonia nº 7* foi composta na cidade de Teplitz, na Boêmia, onde Beethoven passou uma temporada para recuperar sua saúde bastante combalida. A sinfonia estreou sob a batuta do compositor, em um concerto em benefício da soldados austríacos e bávaros feridos na batalha de Hanau. Consta que o próprio Beethoven a considerava sua melhor sinfonia, e ainda que não seja a mais famosa, posição disputada pela 5ª e pela 9ª, talvez seja a mais acessível de todas, a que tem as linhas melódicas mais líricas e dançantes. A tonalidade, Lá maior, dá ao ouvinte uma pista sobre o caráter da obra. Esta é a tonalidade que Charpentier descreveu como "alegre e pastoral", que Matheson afirmava "seduzir o ouvinte e brilhar de imitação",² e a que Christian Friedrich Schubart viria a atribuir "a esperança do reencontro, de ser amado".³ Além da tonalidade exuberante, o uso predominante do ritmo como elemento temático dá a esta sinfonia um vigor particular.

O primeiro movimento começa com uma introdução lenta, de expressão grandiosa, com acordes cheios e compassados e passagens contrapontísticas densas, que acabam desembocando no *Vivace* delineado pelo bucolismo das madeiras. Essas duas vertentes se entrelaçam até se constituírem em verdadeira celebração de vida. O espírito geral é efervescente, entusiasmado, otimista. O segundo movimento, uma espécie de marcha fúnebre sem desespero, mas bastante obsessiva, apesar da enganadora indicação *Allegretto*, exerce certa solenidade e peso, mas seu sentimento mais evidente é o de uma nobreza contagiante. Na forma de tema e variações, enfatiza as cordas, porém no desenvolvimento desencadeia uma onda que se expande e agrega todos os instrumentos, arrastando os ouvintes consigo. Seu tema principal, *cantabile* e carregado de uma inevitabilidade empolgante, assim como a orquestração que tira poder inesperado de um grupo instrumental relativamente pequeno, têm o poder de um hino patriótico. A seriedade deste movimento é imediatamente dissipada no terceiro, um *scherzo* dançante e saturado de energia e *joie de vivre*. O tema esfuziante é contraposto a outro, mais sóbrio, apoiado em um longo pedal. O *Finale*, que privilegia os metais, brinca com um motivo rítmico que se alastra por todos os instrumentos da orquestra, criando um efeito divertido e arrebatador.

¹ Marc Antoine Charpentier, *Règles de composition*, Paris, 1690
² Johann Matheson, *Das Neu Eröffnete Orchester*, Hamburgo, 1717
³ Chr. Fr. D. Schubart, *Ideen zu einer Ästhetik der Tonkunst*, Viena, 1806

Laura Rónai
É DOUTORA EM MÚSICA, RESPONSÁVEL PELA CADEIRA DE FLAUTA TRANSVERSAL NA UNIRIO E PROFESSORA NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA. É TAMBÉM DIRETORA DA ORQUESTRA BARROCA DA UNIRIO

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

Fundada em 1954, desde 2005 é administrada pela Fundação Oseps. A partir deste ano, Thierry Fischer é Diretor Musical e Regente Titular, tendo sido precedido por Marin Alsop, que agora é Regente de Honra, de 2012 a 2019. Em 2016, a Orquestra esteve nos principais festivais da Europa e, em 2019, realizou turnê pela China e Hong Kong. No mesmo ano, estreou projeto em parceria com o Carnegie Hall, com a *Nona Sinfonia* de Beethoven cantada ineditamente em português. Em 2018, a gravação das *Sinfonias* de Villa-Lobos, regidas por Isaac Karobtchevsky, recebeu o Grande Prêmio da Revista Concerto e o Prêmio da Música Brasileira.

THIERRY FISCHER

Diretor Musical e Regente Titular da Oseps, é também Diretor Musical da Orquestra Sinfônica de Utah, Regente Convidado Principal da Filarmônica de Seul e Regente Convidado Honorário da Filarmônica de Nagoya. Tendo iniciado sua carreira como Primeira Flauta da Filarmônica de Hamburgo e da Ópera de Zurique, já regeu orquestras como a Royal Philharmonic, a Filarmônica de Londres, as Sinfônicas da BBC, de Boston e Cincinnati e a Orchestre de la Suisse Romande. Também esteve à frente de grupos camerísticos como a Orquestra de Câmara da Europa, a London Sinfonietta e o Ensemble Intercontemporain.

JEAN-GUIHEN QUEYRAS VIOLONCELO

ÚLTIMA VEZ COM A OSESP EM ABRIL DE 2006
O francês foi colaborador de Pierre Boulez e estreou obras de compositores como Bruno Mantovani e Tristan Murail. Foi membro do Quarteto Arcanto e integra trio com Isabelle Faust e Alexander Melnikov. Foi artista em residência do Concertgebouw (Amsterdã), do Festival d'Aix-en-Provence, dos Centros Musicais Vredenburg (Utrecht, Holanda) e De Bijloke (Ghent, Bélgica), além da Orquestra Filarmônica de Estrasburgo. Apresenta-se regularmente com Orquestras como da Filadélfia, de Paris, a Orquestra de Câmara Mahler, as Sinfônicas da Rádio Bavara e de Londres e a Gewandhaus (Leipzig).

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

DIRETOR MUSICAL E REGENTE TITULAR
THIERRY FISCHER

VIOLINS
EMMANUELE BALDINI SPALLA
YURI RAKEVICH
ADRIAN PETRUTIU
ALEXEY CHASHNIKOV
AMANDA MARTINS
CANILIA YASUDA
CAROLINA KLEMANN
CESAR A. MIRANDA
DEBORAH WANDERLEY DOS SANTOS
ELENA KLEMENTIEVA
ELINA SURIÉ
IRINA KODIN
KATIA SPASSOVA
MARCIO AUGUSTO KIM
PAULO PASCHIGAL
RODOLFO LOTA
SORAYA LANDINI
SVETLANA TERESHKOVA

VIOLAS
MARIA ANGÉLICA CAMERON
PETER PAS
DAVID MARGUES SILVA
EDERSON FERNANDES
OLGA VASSILEVICH
SARAH PIRES

VIOLONCELOS
HELLOISA MEIRELLES
KORIANA HOLTZ
BRÁULIO MARGUES LIMA
DIOGLAS KIER
JIN JOO DOH

CONTRABAIXOS
PEDRO GADELHA
MAX ESBERT FILHO
CLAUDIO TOREZAN

FLAUTAS
CLAUDIA NASCIMENTO
JOSE ANANIAS SOUZA LOPEZ

OBOÉS
JOBEL GISSIGER
RICARDO BARBOSA

CLARINETES
SÉRGIO BURGANI
GIULIANO ROSAS

FAGOTES
JOSE ARIÓN LIÑAREZ
FRANCISCO FORMIGA

TROMPAS
LUÍZ GARCIA
ANDRÉ GONÇALVES

TROMBETES
FERNANDO DISSENHA
MARCELO MATOS

TIFFANOS
RICARDO BOLOGNA

MÚSICO CONVIDADO DO PROGRAMA
THIAGO ARIEL TROMPA
(*) CARGO INTERINO
OS NOMES ESTÃO RELACIONADOS EM ORDEM ALFABÉTICA, POR CATEGORIA. INFORMAÇÕES SUJEITAS A ALTERAÇÕES.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

GOVERNADOR
JOÃO DORIA

SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETÁRIO
SERGIO SÁ LEITÃO
SECRETÁRIA EXECUTIVA
CLÁUDIA PEDROZO

FUNDAÇÃO OSESP

PRESIDENTE DE HONRA
FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
PRESIDENTE
PEDRO PULLEN PARENTE

VICE-PRESIDENTE
STEFANO BIRELLI

CONSELHEIROS
ANA CARLA ABRÃO
CELIA PARNES
ENEIDA MONACO
HELIO MATTAR
JAYME GARRINKEL
LUIZ LARA
MARCELO KAYATH
MARIO ENGLER
MÓNICA WALDVOGEL
PAULO CEZAR ARAGÃO
SERGIO ARIDA
SERGIO SUCHODOLSKI
TATYANA VASCONCELOS
ARAUJO DE FREITAS

DIRETOR EXECUTIVO
MARCELO LOPES

DIRETOR ARTÍSTICO
ARTHUR NESTROVSKI

SUPERINTENDENTE
FAUSTO A. MARCUCCI ARRUDA

REALIZAÇÃO

ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA
FUNDAÇÃO OSESP

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA
MINISTÉRIO DO TURISMO

SÃO PAULO GOVERNO DO ESTADO

PÁTRIA AMADA BRASIL 1988-2018

© /osepsp

oseps.art.br

salasapaolo.art.br

fundacao-oseps.art.br